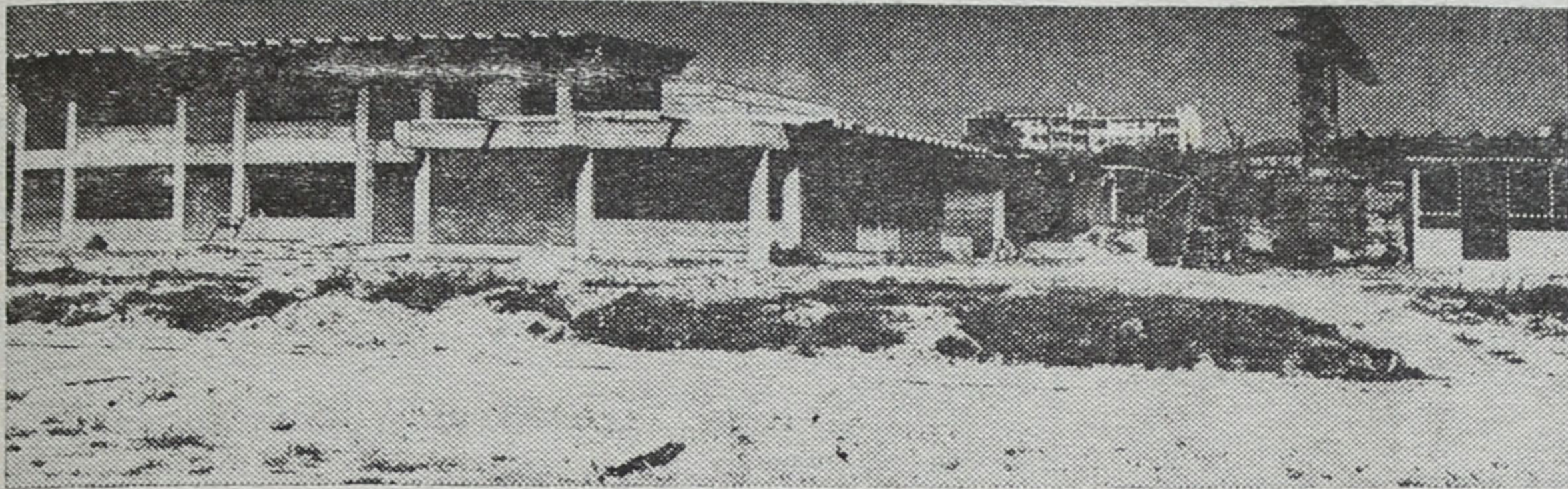


MARÉ VIVA

Director: ANTONIO SANTOS

SEMANÁRIO

ANO V N.º 294 — PREÇO 9\$00 — 6/5/82



O NOVO CICLO

Câmara vai «desemperrar» ?

A propósito do quase famigerado caso das novas instalações da Escola Preparatória de Espinho, começemos com boas notícias: a CME vai, a partir da próxima 2.ª feira tomar conta da parte administrativa das obras, ora suspensas, por falência do anterior empreiteiro. Isto significa que o executivo local irá pôr a concurso, tão breve quanto possível (espera-se!), os trabalhos de acabamento das novas instalações da escola.

E quando falamos em acabamentos, é mesmo isso que

queremos dizer... Efectivamente, em contacto com o Conselho Directivo do referido estabelecimento de ensino, fomos informados que cerca de oitenta por cento da obra está feito! O que ainda falta é o revestimento de chão e tectos, colocação de vidros, canalizações e aruamentos. Tudo o resto, está pronto.

Ainda segundo o mesmo Conselho Directivo, é de crer que, caso a CME leve a cabo os intentos ora demonstrados, seja possível que para o próximo mês de Janeiro

as novas instalações estejam aptas a funcionar.

No entanto — acrescentamos nós — isso não quer dizer que o problema fique resolvido na sua totalidade. E isso porque, como é velho hábito neste País, as novas instalações da Escola Preparatória de Espinho, estejam dimensionadas para 1200 alunos quando a previsão de frequência escolar para o próximo ano lectivo aponta para cerca de mil e quinhentos... Mas isso é outra história!

Estádio "encravado" por...

Governo, Violas & C.ª

- REUNIÃO EM LISBOA SAIU «FURADA»
- AVENIDA VAI TER RELVA ?

José Fonseca, Presidente da Câmara e da maior colectividade local, o Sp. de Espinho, afirmou na passada semana ao nosso jornal que, em sua opinião, o problema do estádio municipal se encontrava em vias de desbloqueamento. Para isso muito iria contribuir a reunião que na passada quinta-feira se realizou em Lisboa, entre altas esferas do PSD.

No entanto, «a porca torceu o rabo» e a dita reunião apenas veio uma vez mais confirmar o desrespeito do governo pela Câmara Municipal e respectivas pretensões da população espinhense, em favor de certa per-

sonalidade cujo nome e processos se torna desnecessário referir.

continua na página 6

A Revisão Constitucional e a Reforma Agrária

ESCREVE CASIMIRO COBRA NA PÁGINA 4

PEIXE DO NOSSO MAR

Ainda é "d'Espinho Viva" !

O peixe, tal como todos os produtos de consumo ou não, tem o seu ciclo económico. O «Maré Viva» esta semana propôs-se penetrar no processo económico do «peixe de nosso mar». Assim, cobrimos três áreas distintas deste ciclo: a «produção», ou seja a pesca, e para tal fomos junto da companhia e ouvimos um dos arrais; a venda do peixe vem em segundo lugar e é feita como se sabe, pelas peixeiras que se podem ver e ouvir apregoando pelas ruas de Espinho, com as canastras na cabeça; por último, ouvimos os consumidores, a quem se

destina o peixe, e é portanto, a última etapa deste pequeno ciclo.

Apesar da sua simplicidade, este processo económico não se realiza sem dificuldades visíveis para todos aqueles que lidam de perto com a actividade piscatória em Espinho, e começam logo à nascença: na própria pesca. Prolongam-se depois nas peixeiras, que sofrem na carne a discriminação a que estão sujeitas. Por tudo isto quisemos ultrapassar o âmbito económico e penetrar mais profundamente na vida das pessoas intervenientes neste processo.

Leia na última página



MARÉ VIVA

Debate com os leitores

Em Maio de 1976 aparecia pela primeira vez a público este jornal. Sels anos passados, muitas etapas foram ultrapassadas, muitas lutas vencidas, algumas vitórias alcançadas, mas também os erros e as falhas não estiveram ausentes.

Quase trezentos números depois da publicação do número zero mais do que se justifica uma reflexão aprofundada do que tem sido o trabalho desenvolvido pelo «Maré Viva». Uma reflexão que gostaríamos que se alargasse a quantos nos acompanham semanalmente, afinal aqueles que melhor se apercebem das possíveis virtudes e dos óbvios defeitos que decorrem da tarefa que nos impusemos. Por isso, o convite: venha conversar connosco sobre o «Maré Viva», dizer a sua opinião franca e aberta sobre o nosso trabalho. Não se tratará, longe disso, de uma sessão formal, da comemoração «obrigatória» de uma efeméride, mas sim de um debate aberto sobre um jornal que cada vez mais acreditamos ter uma missão importante a cumprir. Não será esta, afinal, a melhor maneira de festejar a certeza de existirmos?

Quarta-feira, 12, véspera de feriado, propomos-lhe uma noite diferente. Esteja connosco.

CIDADE

CORREIOS

Nova estação não é para já... novo posto vai abrir



«Isto» para já, vai continuar assim...

A nova estação dos CTT (prevista para o quarteirão compreendido pelas ruas 27/29 e 26/28) é uma realidade que tendo sido diversas vezes anunciada como «ponto assente» está mais longe de o ser do que seria de esperar...

Essa foi a ideia com que ficámos depois de contactar o Dr. Sílvio Macedo, dos CTT do Porto: «A relação existente entre as carências da actual estação e o surgir de uma outra não é de tipo directo, isto é, o problema passa por outras soluções, já que na nossa perspectiva não é uma nova estação que por si só melhorará a qualidade dos nossos serviços bem como a respectiva funcionalidade».

De seguida aquele responsável dos Correios adiantou «Nesse sentido, alargámos já a todo o concelho de Espinho a distribuição, facto que não acontece tão vulgarmente pelo país fora. Ao passo que a distribuição na maior parte dos casos não ultrapassa a cifra dos 50%, posso-lhe afirmar que em Espinho estamos a fazê-lo a 100%».

O Dr. Sílvio Macedo disse ainda que estará para breve a abertura de um novo balcão de atendimento público a montar provisoriamente no átrio do Casino e que posteriormente passará para o Centro Comercial do futuro Apart-Hotel, ocupando uma área de 60 metros quadrados.

Finalmente dir-nos-ia, e após nossa insistência quanto ao abandono ou não do projecto da nova estação, que existem de momento quatro hipóteses alternativas para solucionar a questão (a eterna questão) dos Correios em Espinho. Se nunca referiu com empenho evidente a hipotética construção de um novo edifício, o Dr. Sílvio Macedo não negou, pelo contrário, que uma nova estação dos CTT em Espinho possa vir a ser uma realidade.

Assembleia Municipal de Espinho

Alteração da Postura de Trânsito

O Presidente da Assembleia Municipal, vem convidar a população de Espinho a enviar sugestões para Alteração da Postura de Trânsito do Concelho de Espinho a fim de assim participar no estudo da referida alteração que irá ser revista por uma comissão, que funciona dentro do âmbito da Assembleia Municipal, e que é constituída pelos seguintes membros:

Representantes da A.M.: Sr. Henrique dos Santos; Sr. Alberto Alves; Dr. Jorge Carvalho.

Representante da Câmara: Sr. Marçal Duarte.

Representante do Conselho Municipal: Sr. José Pedro Lopes da Silva.

Espinho, 30 de Abril de 1982

O Presidente da Assembleia,

Luís Couto Alves Gomes

RAICA

PRONTO A VESTIR

INSTITUTO DE BELEZA

Rua 62 n.º 101 - Tel. 722896

ESPINHO

Mau olhado em Silvalde

O diabo, será que deitaram algum mau olhado à EN 109 em Silvalde? Cuidado, pessoal «motorizado» de Paramos, parece que o mau olhado só é para vós.

Pelo menos assim parecem querer dizer dois acidentes muito similares: ambos ocorridos na referida EN 109, em Silvalde. O primeiro deu-se entre as viaturas IV-31-57, conduzida por Nais Machado Fernandes, residente em Vidago, e o veículo motorizado 2 ESP-32-85, conduzido por Jorge Alves Fernandes, residente em Paramos.

O segundo acidente deu-se entre o veículo FR-47-23, conduzido por Manuel Alves Ferreira, residente em S. Félix da Marinha e o veículo motorizado 1 ESP-41-36, conduzido por Fernando Sousa Cordeiro, igualmente residente em Paramos. Também coincidentemente, do choque resultaram danos em ambos os veículos e ferimentos ligeiros no condutor da motorizada... Tiradinhos a papel químico!!

«Auto»-Didacta

Pois é, a grave crise que assola o País toca tudo e todos, especialmente os «auto»-didactas. Assim o Carlos Henriques Gouveia Vitorino, residente em Francelos, foi capturado quando conduzia a viatura RR-37-06, na avenida 8 desta cidade sem a respectiva carta de condução.

Septuagenária atropelada

Na passada semana na avenida 24 a motorizada 2 ESP-17-13 conduzida por José dos Santos Oliveira, residente em Silvalde atropelou a septuagenária Margarida Milheiro Oliveira, 76 anos, residente em Grijó, que depois de assistida no Hospital de Espinho foi conduzida a Gaia.

Tribunal Judicial da Comarca de Espinho

ANUNCIO

No dia 18 de Junho às 10 h., no Tribunal Judicial desta comarca de Espinho, na carta-precatória para arrematação n.º 200/82-1.ª Secção, vinda do Tribunal Judicial da Vila da Feira, 2.ª Juízo, 2.ª Secção, e extraída dos autos de sentença n.º 58/A/80, em que é exequente Adriano da Rocha Ferreira e mulher e executado Manuel de Sousa Marques, solteiro, maior, residente no lugar de Altos Céus, Anta-Espinho, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante mencionado, o seguinte prédio apreendido aquele executado:

Prédio de casas de habitação, sito no lugar de Esmojães, freguesia de Anta - desta comarca, inscrito na respectiva matriz urbana sob o art.º n.º 399. Vai à praça pelo valor matricial de 22.440\$00.

Espinho, 26 de Abril de 1982

O Juiz de Direito do 1.º Juízo;

O Escrivão Adj.;

Victor Constâncio em Espinho

A convite do Secretariado local do Partido Socialista, esteve em Espinho no passado domingo, onde orientou um colóquio sobre a situação económica e perspectivas perante a entrada para a CEE, o Dr. Victor Constâncio, conhecido economista e dirigente nacional daquele partido.

Se bem que desenvolvendo-se ao longo de um período de tempo reduzido, devido a afazeres do convidado, o colóquio, aberto a todos os interessados, serviu fundamentalmente para a denúncia frontal da política económica do actual governo, «que leva o País para uma situação catastrófica». Victor Constâncio falaria, a esse propósito, em «desastre económico», alertando

para o facto de Portugal começar a ter problemas de credibilidade junto de parceiros económicos que eventualmente nos pudessem ajudar. A situação actual será bem diferente, no dizer do dirigente do PS, daquela que o governo AD recebeu quando assumiu o governo, altura em que lhe foi depositada uma herança bem mais favorável no sector económico.

Na parte final, Victor Constâncio respondeu a algumas perguntas dos presentes, abordando nomeadamente questões como o desemprego, os emigrantes e a CEE, ou ainda a situação da agricultura portuguesa perante a perspectiva da adesão ao Mercado Comum.

MARE VIVA

SEMÁRIO

Director: ANTONIO SANTOS

Redacção: RUA 62 N.º 251-1.º TEL. 721621 - ESPINHO

Propriedade:

N A S C E N T E - COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

António Santos, Luís Costa, Manuel Fonseca, Nuno Barbosa e Victor Sousa (redactores); Ana Maria, Augusto Mota, Eugénio Morais, José Carvalhinho e Olívia Silva (colaboradores de redacção).

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES - COOPERATIVA GRÁFICA DE ESPINHO, S.C.R.L. RUA 14 N.º 903 - TELEF. 721016

Tiragem média: 1.500 exemplares

RIFAS DA NASCENTE

10.ª SEMANA - EXTRACÇÃO DE 29-4-82

057	— 15.000\$00	— Virgíline Acácia Dias B. Resende
157	— 1.000\$00	— António Manuel Ferreira Soares
257	— 1.000\$00	— Carlos Martins
357	— 1.000\$00	— Café Ribamar
457	— 1.000\$00	— José Sebastião
557	— 1.000\$00	— Olívio Lopes
657	— 1.000\$00	— Joaquim Gomes de Sousa
757	— 1.000\$00	— Maria da Conceição Lopes Baptista
857	— 1.000\$00	— Jaime Pinto Rachão
957	— 1.000\$00	— Maria do Carmo

120	— 5.000\$00	— Jorge Catarino
698	— 2.000\$00	— António Manuel Ferreira Macedo



Melville foi exemplo. Um filme com interesse.

Sábado, 8
A VINGANÇA DE MING
M/ 13 anos

A este tipo de fitas, chamamos-lhe «eastern», por ser uma cópiada feita em versão do Oriente, com todos aqueles ingredientes da receita «kung-fu».

Domingo, 9
A FORTALEZA SECRETA
M/ 18 anos

Ainda há pouco tempo nos referimos aqui ao Chuck Norris. Pois mal, ele está aí de novo, com as suas já conhecidas exhibições de artes marciais, em padrão americanizado. Sirva-se, quem gostar...

Terça-feira, 11
CONFLITO FINAL
M/ 18 anos

Quinta-feira, 6
BARRACAS DE ALCOVA
M/ 13 anos

Num estilo de comédia que lhe já é peculiar, Jean Pierre Mariel protagoniza a figura do francês de meia idade que se arvora em machão e que, por trás, sofre os piores revezes. Em linguagem brejeira, a fita lá vai tendo aqui e acolá alguma piada, talvez mais por simpatia do que pelo efeito.

Sexta-feira, 7
SEM CULPA FORMADA
M/ 13 anos

Aos filmes policiais americanos característicos pelo grande ritmo da acção, os europeus contrapõem com o desenrolar pausado e sereno das histórias do delito. Em cena fechada, três personagens vão-nos falando do que se passou e assim começamos a formular o nosso próprio parecer, mas nem tudo nos é contado, pelo que há uma surpresa para surgir. Uma certa maneira dos franceses fazerem cinema, da qual Jean Pierre

Recorrendo a uma definição usada em gíria, é caso para dizer que isto é demasiada areia para a camioneta do espectador. É tal a confusão das ideias do fulano que fez esta fita, que só quem para aí estiver virado é que tentará acompanhar raciocínio tão esquisito. Fala-se em distinções maniqueístas de Bem e Mal carregadas de pretensa metafísica e com anti-cristos à mistura. Recomendável para acompanhar difíceis digestões.

Entrevista com o Dr. Sêco Julião

Hipertensão — um problema do nosso tempo

Já nestas colunas abordámos o tema da hipertensão. Em longa conversa com o responsável pelo Centro de Hipertensão de Espinho, Dr. Sêco Julião, inquirimos ao nosso interlocutor quais as razões que contribuem para este mal que tanto aflige os portugueses e a humanidade em geral.

O que é a hipertensão?

A hipertensão arterial é uma afecção que atinge vários órgãos do nosso organismo para a qual muitas das vezes não existe uma causa verdadeira. É evidente que é definida pela Organização Mundial de Saúde como uma elevação da tensão arterial quer máxima e mínima, ou das duas juntas e que vai «atacar» vários órgãos do nosso organismo. É portanto, uma doença com uma alta taxa de mortalidade e morbilidade que mata e destrói os órgãos vitais do nosso organismo nomeadamente, o cérebro, a retina, o coração e os vasos.

Porquê a existência de um centro de hipertensão em Espinho?

Mais ou menos por brincadeira em 1976, nós resolvemos ir a várias freguesias de Espinho fazer um levantamento de hipertensão no nosso concelho e ficámos um pouco alarmados com os números que obtivemos. Verificámos que a percentagem de hipertensos era cerca de 29% e nessa percentagem encontramos pessoas que desconheciam por completo que eram hipertensos. Por outro lado, constatámos nesse mesmo estudo que a grande maioria, cerca de 80% de doentes não tinham as pressões arteriais controladas. Isto quer dizer, que dos 450 doentes observados, cerca

de 80% estavam sujeitos às consequências da hipertensão arterial, nomeadamente àquilo que as pessoas estão habituadas a ver, que são as trombozes, o enfarte do miocárdio e as doenças dos rins. Portanto, a partir daí, pensámos que haveria no concelho de Espinho um grande campo a explorar na hipertensão arterial. E, assim, graças à colaboração de alguns alunos na altura, hoje médicos e ainda de outros jovens médicos, nós conseguimos a partir de 1979 montar uma estrutura comunitária de hipertensão arterial que se pode resumir a duas grandes linhas de acção: primeiro que era preciso fazer o despiste da hipertensão arterial no concelho de Espinho, portanto, chamar as pessoas a vir controlar e avaliar a sua tensão arterial. Daí, passar a ver os doentes hipertensos através de uma consulta de hipertensão arterial que abriu em 1979 no Hospital de Espinho. Fomos constatando, à medida que o trabalho se ia desenvolvendo, que o número de hipertensos deveria rondar os 9.000 e conseguimos detectar até 1980 cerca de 1.037. Actualmente, já observamos 2.795 e temos 1.176 doentes. Continuamos a verificar altas taxas de doentes que desconheciam por completo a hipertensão arterial e, mais grave ainda, doentes que dificilmente se sujeitavam a um esquema de tratamento continuado. Portanto, doentes que facilmente num futuro próximo podem ter de facto as consequências tenebrosas da hipertensão arterial. Estas as razões fundamentais que nos levaram a criar no concelho de Espinho esta estrutura de hipertensão arterial em conexão com o núcleo de Estudos de Hipertensão do Hospital Geral de Santo António do Porto e, pensamos, quer pela minha parte e

dos meus colaboradores, que estamos satisfeitos com o trabalho efectuado.

«O HOSPITAL DE ESPINHO NÃO TEM ESTRUTURAS QUE PERMITAM RIGOR CIENTIFICO EM CONSULTAS DE HIPERTENSÃO ARTERIAL»

Qual a data em que este Centro começou a trabalhar?

— Como disse, foi assim um pouco à aventura e iniciamos o trabalho em 1978. Fizemos um trabalho que foi publicado numa revista da especialidade, o «Jornal do Médico» e os números desses trabalhos alertaram-nos para a necessidade de continuidade. Tivemos um hiato entre 1978 e Maio/Junho de 1979 que foi, digamos, o tempo necessário para fazer o estudo dos números que obtivemos em 1978, no 1.º Estudo Epidemiológico de Espinho, e esses números é que nos obrigaram a vir para a frente com a ideia de montar um Centro de Hipertensão Arterial.

Daí para cá como é que tem funcionado?

— Ora bem, o esquema de funcionamento até 1982, é o seguinte: um posto de despiste e controle no Centro de Saúde, graças à boa vontade do Dr. Miranda Valente, — que desde já gostaria de realçar, — e o outro na Casa dos Pescadores, no Bairro Piscatório, este mais dirigido à população desta área, onde constatamos no estudo que efectuamos que cerca de 45% das pessoas são hipertensas, o que é de facto uma taxa elevada. Enfim, isto levou-nos a ter uma atenção especial pela população do Bairro Piscatório. É claro, que constatamos alguns factores que estão intimamente

ligados a tão elevada taxa de hipertensos. Entre eles a alimentação com excesso de sal, o excessivo consumo de álcool, o tabaco e a obesidade, doença esta que toda a gente conhece com o excesso de peso. O avolumar de consultas e de pessoas tornou impraticáveis as consultas no Hospital de Espinho. Lamento profundamente dizer que o Hospital de Espinho não dispõe de estruturas que permitissem de facto consultas em termos de profundidade, de rigor científico, de hipertensão arterial nas suas instalações; vimo-nos obrigados portanto, e porque também pensamos que a hipertensão arterial é uma doença comunitária, a integrar-nos no Centro de Saúde, onde se trata dos cuidados básicos de saúde.

Quais as perspectivas que se vislumbram para este tipo de trabalho?

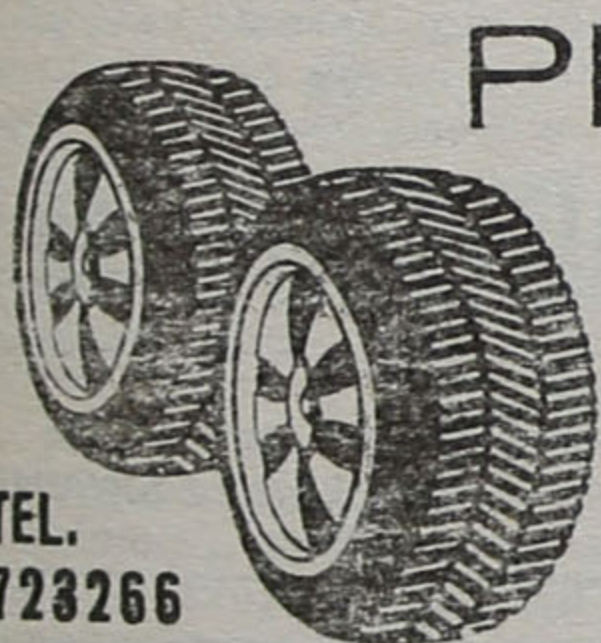
— Eu penso e comungo totalmente a opinião do dr. Serafim Guimarães, que é o director do Núcleo de Estudos de Hipertensão Arterial do Hospital Geral de Santo António, que este tipo de organização deveria estar inserido na Secretaria de Estado da Saúde, portanto, nós estamos aqui a trabalhar gratuitamente, roubando tempo à família, aos estudos, em prol de um combate que deveria vir das instâncias superiores. Pensamos, por outro lado, que temos tido sorte em ter o apoio a nível regional, e aqui cabe uma palavra ao Director Distrital de Saúde, em sintonia com o Dr. Miranda Valente. Enquanto nos permitirem utilizar estas instalações, nós continuaremos a trabalhar. Para o futuro não pos-

so garantir nada. Não é o aspecto económico de remuneração, que nos preocupa. É muito mais! É toda a organização de uma consulta, todo um ficheiro, toda uma série de perspectivas incluindo a investigação clínica. Fundamentalmente, na investigação clínica, temos feito alguns trabalhos. Já publicámos três trabalhos em revistas da especialidade e tencionamos publicar mais dois. Isto graças à boa vontade dos meus colaboradores e mais nada. Quanto a apoios, não temos tido nenhuns, antes pelo contrário, e é preciso que isto se diga. Temos tido entraves e alguns espinhos a tirar do caminho que temos vindo a traçar.

As instituições não estão preparadas para abranger este tipo de trabalho. É evidente que eu posso pensar que invadir uma instituição com 1.176 hipertensos é capaz de dar um pouco de trabalho. É lógico pensar-se assim...

Quais são os dados estatísticos do ponto de vista comunitários e de saúde?

— Em termos de dados estatísticos, a hipertensão arterial é a doença mais frequente do concelho de Espinho. É a doença com mais alta taxa de mortalidade e morbilidade, o que vem confirmar os dados mundiais distribuídos pela Organização Mundial de Saúde que já em 1978 preconizou o Ano Internacional de Hipertensão Arterial. Estamos a confirmar estes dados a nível de Portugal e, mais especificamente, a nível do concelho de Espinho. Portanto, penso que devemos combater esta afecção que é a mais frequente no nosso concelho.



PNEUS CAR

Centro de Vendas de Pneus Nacionais e Estrangeiros

Assistência Técnica
— Alinhamento de Direções
— Vulcanização de Câmaras
— Equilíbrio de Rodas

R. 18-1010 (R. da Igreja) - ESPINHO

Carlos Albuquerque Pinho

MÉDICO

Doenças do aparelho digestivo

Endoscopia digestiva

CONSULTÓRIO

Rua 31 n.º 321

Telef. 724401 — ESPINHO

NASCENTE — 6.º ANIVERSÁRIO

Colóquio sobre Hipertensão Arterial

orientado pela equipa médica do Centro de Hipertensão de Espinho

14 de Maio de 1982

Org. Centro de Estudos «NASCENTE»

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA

Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.
Telef. 721810 — ESPINHO

FONSECA

TECIDOS MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413
ESPINHO



"O VIVEIRO"

Aquários - Alimentação
Aves - Peixes
Gaiolas nacionais e estrangeiras
Pombos Correios - Pintos do dia

Rua 23 n.º 51 e 52
Telef. 721622
Merc. Municipal — Espinho

Rubi

Relojoaria — Ourivesaria

Ivo dos Santos Coelho

Rua 23 n.º 360 - Tel. 920592
ESPINHO

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:

Arroz de marisco, Lulas,
Enguias, Caldeiradas, Açorda
de peixe, Bons vinhos.

RUA 2 N.º 1355 — ESPINH
TEL. 720091

JOSÉ OLIVEIRA

SOLICITADOR

ESCRITÓRIO:
Rua 19 n.º 401 1.º
Telefone 720093
ESPINHO

ALBUQUERQUE PINHO
FILOMENA MAIA GOMES

— ADVOGADOS —

ESCRITÓRIOS:

R. Júlio Dinis, 778-4.º Dto.
Telef. 698704 4000 PORTO

Rua 19 n.º 343-1.º — Tel. 722964
4500 ESPINHO

CAFÉ * SNACK-BAR

GOLFINHO

Especialidade em Francesinhas

Rua 2 n.º 663 — ESPINHO

A Revisão Constitucional e a Reforma Agrária

por José Casimiro Cobra

A Reforma Agrária constitui uma importante característica da Constituição de 1976 dentro do espírito democrático e renovado que orientou globalmente a sua feitura.

Quando da apresentação dos projectos de Constituição e mesmo durante a sua discussão nenhum Partido foi contra a Reforma Agrária e a maioria do articulado foi aprovado por unanimidade, excepcionalmente, com algumas abstenções, óbvias e coerentemente por parte do CDS.

Quando hoje se sustenta que embora se aceite o princípio da Reforma Agrária se deveria retirar do texto constitucional esse título e substituí-lo por outro como Política Agrária, a zona do latifúndio, no Alentejo e parte do Ribatejo, quanto a sustentáculo do regime salazarista por parte de algumas dezenas de «grandes senhores», que em troca dessa subserviência exigiram a manutenção do subdesenvolvimento e a não industrialização para manterem a mão de obra abundante e barata.

Salários de miséria, desemprego generalizado, atraso técnico e tecnológico, baixíssima produtividade e enorme injustiça social, eram os factores dominantes na área onde a Reforma Agrária se vem manifestando.

Parece que se torna mais

urgente cumprir o articulado constitucional do que pensar em alterá-lo, já que mesmo com esta Constituição foi possível aprovar uma Lei Barreto que hoje se pode afirmar como causadora de não se ter conseguido avançar com uma Reforma Agrária que permitisse diminuir as injustiças sociais e aumentar a produção e a produtividade. Se as ocupações indiscriminadas foram um mau serviço para a Reforma Agrária, sem dúvida que as acções desencadeadas após a Lei Barreto não produziram menores efeitos negativos.

Alterar o texto constitucional na parte da Reforma Agrária, porquê? Não se permite a iniciativa privada? Não se apoiam os pequenos e médios agricultores? Não se garante a liberdade de escolha pelo modelo de exploração da terra, seja individualmente seja em cooperativas ou explorações colectivas de trabalhadores?

Bem, se a intenção é acabar com as cooperativas e com as explorações colectivas, então não é necessário qualquer alteração porque a manter-se a política da AD elas acabarão a pouco e pouco, culpando-se depois os trabalhadores desse facto. O que se pretende é pôr em prática uma Constituição à medida dos interesses dos «tais grandes senhores», que de Go-



JOSÉ CASIMIRO COBRA

Engenheiro Técnico Agrário. Foi deputado à Assembleia Constituinte, e é actualmente membro do MSD (Movimento Social Democrata).

verno para Governo vão sempre exigindo mais e mais até chegaram a Santa Comba Dão.

Sem um Plano, sem uma política agrícola, sem empenhamento dos Serviços e dos funcionários do Estado, sem se optar entre atingir o objectivo da maior produção e o objectivo do regresso do passado nunca será possível uma Reforma Agrária e por isso nunca a Constituição de 76 será cumprida.

CORFI

OS "DOCES" DO COSTUME

Conforme a decisão do plenário de Sindicatos do sector Textil, realizado no passado dia 17 de Março, a Federação de Sindicatos elaborou uma proposta de revisão do contrato colectivo de Trabalho vertical, para todos os trabalhadores do sector com o objectivo de iniciar as conversações, logo que possível.

A Administração da Corfi, de Manuel O. Violas, subrepticiamente e para «adoçar» alguns dos seus operários especialmente os que não paralisaram na greve geral de 12 de Fevereiro, «agraciou-os» com um aumento de 1.000\$00, incluindo os chefes de secção. Por seu lado, os encarregados também não foram esquecidos e estes obtiveram um aumento de 4.500\$00, com efeitos

rectroactivos desde Fevereiro último.

Perante a situação a maioria dos trabalhadores mostra-se revoltada com a discriminação que a administração da Corfi, fez, incluindo alguns dos «agraciados». Os trabalhadores apresentaram à entidade patronal a proposta para negociar o seu contrato colectivo de trabalho vertical em 23 de Abril findo.

Na sua proposta os trabalhadores pedem, entre outras coisas, um aumento para a letra H de 3.600\$00 mensais e para a letra I de 2.700\$00 mensais, sendo a maioria dos trabalhadores remunerados por esta categoria.

Como de costume o patronato divide para reinar, adocando a boca de alguns operários, para melhor conduzir as negociações...

BANDA DESENHADA EM JORNAL

Trata-se de uma revista quinzenal de Banda Desenhada, que será posta à venda todas as quintas-feiras, a partir de 22 de Abril de 1982.

O Jornal da B. D. está estruturado de forma a que no final de oito números se completem todas as histórias em continuação.

Procura-se através desta iniciativa levar Banda Desenhada de qualidade a um preço de veras acessível, 30\$00 por exemplar, a vastas camadas de público jovem, adolescente e adulto. O Jornal da B. D. será composto na 1.ª série — número 1 a 8 pelas seguintes aventuras

— AXTERIX ENTRE OS BELGAS — Gosciny e Uderzo
— LUCKY LUCK — O FIO QUE CANTA — Gosciny e Morris
— MICHEL VAILLANT — A REVOLTA DOS REIS — Jean Graton
— VALERIAN — A CIDADE

DAS ÁGUAS MOVEDIÇAS — Mézieres e Christin

— TAAR O REBELDE — O SERDO NADA — Moliterni e Remohi

— AS CONSPIRAÇÕES DO GRÃO — VIZIR IZNOGOU — Gosciny e Tabary.

A responsabilidade da edição pertence à Liber-Editorial e Publicidade Portugal - Brasil e à Sojornal — Jornal Expresso.

A revista tem uma tiragem de 50.000 exemplares por número.

Noticiário do FAOJ — Festa da Bicicleta

Integrado nas Festas da Cidade de Aveiro, a Casa de Cultura da Juventude de Aveiro, adstrita à Delegação Regional do FAOJ, promove no próximo dia 9 de Maio a Festa da Bicicleta.

A participação nesta Festa está aberta a todos os interessa-

dos, membros ou não das Associações Culturais e Recreativas do Distrito, que deverão ser portadores do almoço e naturalmente de uma bicicleta. A concentração está prevista para às 10 horas daquele dia junto às instalações do FAOJ, seguindo-se um circuito cultural e re-

creativo até à Gafanha da Nazaré onde estão previstas diversas actividades (conjuntos, fantoches, jogos, etc.).

No âmbito desta Festa haverá prémios individuais e colectivos destinados estes às Associações e Grupos Juvenis mais representados.

M MOREIRA OCULISTA
ÓPTICA

INSTRUMENTOS DE PRECISÃO

RUA 27 N.º 700 — TELEF. 723806 — 4500 ESPINHO

Casa especializada em artigos para Nalvas
Acompanhantes, Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — Telef. 724203 — ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

MERCADO NOVO DIA

Domingos António, Lda.

Visite V. Ex.ª este estabelecimento e ficará nosso Cliente

Rua 18 n.º 1067

Telef. 722739

ESPINHO

Pinto de Matos

Articulações
Fracturas e Doenças dos Ossos e
Articulações
REUMATOLOGIA
Rua 19 n.º 364 - 1.º — Telef. 721218
ESPINHO

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Joaquim F. Nogueira da Fonseca
(RAIMUNDO)

BOAS CARNES — SERVIR BEM

Rua 15 n.º 268 — ESPINHO
Tel. 721929

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 520 - 1.º
Telefone 721014
ESPINHO

CLINICA GERAL

J. Pinheiro de Moraes

Rua 20 n.º 390

TELEF. 720452

Regionalização em Questão

Na passada semana, fizemos nestas páginas uma primeira abordagem, necessariamente muito geral, da questão da regionalização. Hoje, damos a conhecer mais algum material sobre este tema, no intuito de contribuir, dentro de que está ao nosso alcance, para um maior esclarecimento da importância e dos múltiplos aspectos de que se reveste a recentemente tão publicitada regionalização.

Tão publicitada sobretudo por um Governo que dela decidiu fazer cavalo de batalha, por coincidência (?) numa altura em que se aproximam as eleições autárquicas e quando a sua política contrária aos interesses da autonomia do Poder Local (como Espinho muito bem sabe...) se vê cada vez mais desmascarada perante a opinião pública. E a verdade, que é forçoso reconhecer, é que os membros do Governo não se têm poupado a esforços. Debates, é caso para dizer que têm sido à dúzia, tantos e tão variados que os governantes, não dispendo (para já...) do dom da ubiquidade se têm visto forçados a faltar a uns, a chegar tarde e más horas a outros, ou a abandonar as sessões depois de dizer meia dúzia de palavras iluminadas, deixando um gravador, a máquina mesmo, a substituí-los. Diga-se, também, que os autarcas e os cidadãos de um modo geral parecem ter desconfiado de tanta fartura, e os «caixeiros viajantes» de Lisboa têm, na maior parte dos casos, falado para um grupo de amigos que cabia bem à mesa do café. E quando

não se trata de amigos mesmo, então têm-se visto em palpos de aranha para responder às questões pertinentes de quem quer de facto saber que regionalização é que a AD nos quer levar a aceitar. Querer levar a cabo uma «discussão pública» sobre tema tão importante para o futuro do País e, ao mesmo tempo, tão difícil de abordar e compreender pelo cidadão comum num intervalo de tempo tão curto, de escassas semanas, é, claramente, procurar retirar efeitos fáceis e dividendos imediatos perante populações que deseriam ver dispostas a engolir a palavra fácil que o senhor Angelo Correia e os seus pares, magnanimamente descendo da capital ao povoado, distribuem com ar e convicção de quem sabe a receita certa para os nossos males. Só que já descobrimos há muito tempo que as maleitas de que o País sofre, e que a AD só está a agravar, não se curam com mézinhas de curandeiros de ladainha fácil.

Por isso, também perante a regionalização e problemas que lhe estão ligados, a situação não se compadece com golpes mágicos de chapéu furado, e exige métodos e medidas que este Governo, manifestamente, não sabe, não quer, nem pode aplicar. E quando assim é, tudo o que seja dar-lhe corda serve apenas para lhe aguentar o último fôlego e retardar ainda mais as alternativas de que o País precisa e o Povo exige.

— X —

Reforço do Poder Local assim ?

Continuamos hoje a divulgação do ponto de vista governamental sobre aspectos ligados à problemática da regionalização, fazendo ao mesmo tempo a crítica desse ponto de vista.

Desta vez, o assunto é o reforço da autonomia do Poder Local, ou o que o Governo entende por isso, conforme consta de documentação oficial elaborada para servir de apoio ao

debate público sobre regionalização.

Uma análise ligeira ao texto oficial, imediatamente deixa antever a contradição profunda entre as posições teóricas pro-

fendidas nele e a realidade de uma prática governativa que está longe da pretensa abertura e imparcialidade que dele se pode entender. Mas leia-se o que os teóricos governamentais propõem:

Reforço da autonomia do poder local

Instituído e regulamentado o exercício do poder local, a viabilidade da sua integral concretização carece, no entanto, de instrumentos adequados à dimensão das tarefas que lhe são cometidas, bem assim como de uma efectiva capacidade autónoma própria e compatível com a sua condição de poder.

De facto, a possibilidade de efectivação dum tão vasto e complexo conjunto de atribuições tais como o desenvolvimento da salubridade e de abastecimento público, de assistência, de cultura, ou de protecção do meio ambiente e da qualidade de vida das respectivas populações, requer, necessariamente, para sua integral concretização, toda uma vasta gama de recursos que transcende em muito os limites das actuais circunstâncias em que se exerce o poder local.

Considera-se assim fundamental, que a institucionalização do exercício do poder local seja progressivamente acompanhada por um reforço da sua capacidade autónoma, ou seja, que aos níveis de atribuições e competências estabelecidos, corresponda paralela e efectiva capacidade de intervenção nas inúmeras e complexas questões que actualmente são de foro próprio das estruturas do poder local. Caso contrário estaremos apenas a assistir a um processo centrado numa inconsequente afirmação de princípios, que não envolverá em horizontes previsíveis um desejável reforço de prestígio das administrações dos interesses locais. Uma correcta organização do aparelho político-administrativo deverá, pois, ponderar, por um lado, as competências e as atribuições que estão cometidas aos diversos

níveis em que se estrutura, e por outro, a efectiva capacidade de elas serem plenamente exercidas.

O completo exercício das atribuições e competências conferidas aos pequenos municípios das zonas definidas do interior não encontra contrapartida na exiguidade dos meios técnicos administrativos ou financeiros que actualmente estão ao seu dispor.

O fomento da associação de autarquias locais, visando uma rentabilidade dos sempre escassos meios ou instrumentos de exercício de poder local, ou uma abordagem conjunta de questões sectoriais e interdependentes nas suas áreas de intervenção directa, aparece, pois, como um dos passos decisivos e concretos a dar no sentido duma verdadeira autonomia do

poder local. A integral resolução das prementes questões de habitação, de equipamento social, de saneamento básico, de coordenação de transportes, de apetrechamento técnico em áreas especializadas como o planeamento sócio-económico ou territorial, só será viável quando existir uma forte determinação de incrementar e melhorar as já frutuosas realidades de cooperação de municípios ou de freguesias.

Nesse sentido, regionalizar, será decididamente fomentar o associativismo das autarquias, por forma a que os órgãos de administração local consigam, em programas de base comum, gerindo os meios que lhe são próprios, atingir os objectivos que se propuseram alcançar, num processo independente de tutelas descricionárias.

... Que autonomia ?

Já em 1979 o não cumprimento da Lei das Finanças Locais lesou as autarquias em 15 milhões de contos. Depois disso, incluindo já os valores previstos do OGE para 1982, o montante subtraído às autarquias atinge nada mais nada menos que 106 milhões de contos. Que autonomia?

Com a nova lei das finanças locais que o Governo se prepara para apresentar à Assembleia da República, o que se

pretende é legalizar a política de redução drástica dos meios financeiros das autarquias, além de outras alterações muito graves, como a que reduz o peso dos factores «carências» e «área» na futura distribuição das verbas e que vai atingir fortemente as autarquias mais pobres e atrasadas. Que autonomia?

Junte-se a isto a ausência de linhas de crédito adequadas e bonificadas e junte-se a trans-

ferência para as autarquias de novas obrigações em torno da habitação, das infraestruturas e dos equipamentos que irão recair sobre as autarquias e aí temos um plano de estrangulamento do Poder Local, ainda por cima remetido para a situação de responsável pela não resolução de carências fundamentais e portanto transformado em alvo do descontentamento popular. Que autonomia?

Esta a política de crédito

aos municípios que tem vindo a ser praticada pelos governos AD: limitação quantitativa do crédito; agravamento das condições de financiamento com a elevação das taxas de juro a pagar e a redução das percentagens de empréstimo; limitação do tipo de investimentos abrangidos por créditos aos municípios.

Que autonomia, pergunta-se com razão?

PRESIDENTE DA AM:

"Sessão pública é possível"

A Assembleia Municipal é, naturalmente, um órgão autárquico com particular responsabilidade na discussão do tema «regionalização». Precisamente por isso, quisemos saber do respectivo Presidente, Luís Gomes (AD), que iniciativas tenciona propor para a abordagem daquele tema. Começou por nos dizer:

— Parece-me que o mais aconselhável não será promover a discussão do tema na AM, onde facilmente se cairia na situação de «cada cabeça cada sentença». Entendo que o mais correcto será fazer com que cada força lá representada responda ao questionário que está distribuído, após o que se poderá fazer então uma reunião da AM onde eventualmente se chegue a uma resposta conjunta, ou, em alternativa, considerar apenas as respostas individuais de cada grupo político. Lamentavelmente, porém, este processo tem sido atrasado, não por culpa nossa mas sim por falta da necessária documentação que embora repetidamente solicitada por mim tardou a chegar, e mesmo assim foi-nos enviada incompleta... e dirigida a agrupamentos políticos que nem sequer existem entre nós, como é o caso do PPM. Em resumo, penso promover uma reunião com representantes de cada força política representada na AM, ainda esta semana e tomar então a decisão mais correcta.

A pergunta sobre a possibilidade que será dada à população de participar na discussão o nosso interlocutor adiantar-nos-ia:

— Se cada grupo representado na AM tomar posição e responder ao questionário distribuído, pode dizer-se que haverá já um elevado grau de representatividade. Para além disso, é preciso não esquecer que também o Conselho Municipal e a Câmara deverão fazer o mesmo. Quanto a uma sessão pública da Assembleia Municipal, em que a população pudesse intervir no período próprio, é igualmente uma possibilidade, mas nada está ainda previsto neste sentido porque não quero avançar sozinho, sem ouvir as opiniões das forças políticas. Por isso mesmo, nada posso também ainda adiantar quanto à defesa que iremos fazer sobre a inclusão de Espinho numa ou noutra região, pois antes dessa opção teremos de analisar muito bem todo o problema na generalidade para então concluir sobre o que mais poderá interessar a Espinho.

MODAS MENDES

LANIFICIOS MODAS — CAMISARIA

R. 16 n.º 683 - Tel. 920168

ESPINHO

ESTÁDIO ENGRAVADO POR...

GOVERNO, VIOLAS & COMPANHIA...

Fazendo uma pequena resenha do processo relativo ao estádio Municipal, diga-se que a cadastral dos terrenos ficou quase integralmente concluída na anterior Câmara, da presidência de Artur Bártolo. Desde aí e mesmo após as eleições autárquicas (onde a AD prometeu em altas vozes um estádio num prazo de dois anos...) assistiu-se a um atrasar do processo, por um lado devido aos formalismos de ordem burocrática-administrativa e por outro lado devido a um relativo adormecimento camarário, à sombra dos rescaldos do quente período eleitoral.

Volta-se a falar do estádio com o concurso público para escolha do estudo-base respectivo. Simultaneamente procedeu-se ao adquirir e/ou expropriar dos terrenos necessários. Avançou-se com as vistorias e medições, tendo em conta o carácter urgente e a posse administrativa dos terrenos superiormente decidida.

A CARTA MISTERIOSA...

Estavam gastas centenas de contos, tudo se conjugava para termos estádio num breve espaço de tempo. É então que, não estava a edilidade local ainda refeita da «machadada» do Parque de Sales, surge na Câmara um ofício de Viana Baptista a retirar o carácter de urgência da expropriação e posse administrativa dos terrenos!

Era o Governo da AD, uma vez mais, a provar a sua natural impopularidade e meios lesivos utilizados em assuntos delicados e importantes como este. E mais! O Governo AD nem tão pouco as estruturas locais do seu âmbito partidário respeitou, ao menos para dar corpo à promessa de um estádio para Espinho num prazo de dois anos.

É claro que, tal como se veio a confirmar, neste «cozinha» cheirou logo ao «esturrica-

do» de estranhas influências... Pois a mão do industrial Manuel Violas («curiosamente» o proprietário da maior parcela dos terrenos a expropriar) andava à mistura.

Na verdade podemos hoje, e noutro local, transcrever um importante e escandaloso documento: uma carta enviada por M. Violas ao Ministro Viana Baptista. Tendo por base essa carta (autêntica tentativa de entrar o processo do estádio — e lembrando que a Solverde deve «entrar» com 27.000 contos para a sua construção...), aquele Ministro solicitou ao Secretário de Estado da Habitação e Urbanismo um parecer sobre a questão, ao que este respondeu que, não só a «atribuição de urgência e autorização de posse administrativa estão formais e substancialmente correctas» como ainda lembra que a localização do Parque fora aprovada por despacho ministerial de 12 de Fevereiro de 1978!

PORÉM...

Porém, o Ministro da Habitação e Obras Públicas, Viana Baptista, não tendo em conta este parecer oficial, «preferiu» dar ouvidos às palavras falsas, insidiosas e manipuladoras dos factos, transcritos na carta de M. Violas!

A REUNIÃO «FURADA»

Feito o ponto da situação passemos à história mais recente do processo.

Tal como havíamos anunciado decorreu na passada quinta-feira em Lisboa uma reunião entre «altas esferas» do PSD, com vista a desbloquear a questão. E o dado novo que entretanto surgiu foi este: o encontro foi convocado por Maria de Lurdes Breu (Presidente da Comissão Política Distrital de Aveiro do PSD) e por Ângelo

continuação da página 1

Correial

O contestado Ministro da Administração Interna fez mais: telefonou para a Câmara, antes de quinta-feira (dia da reunião) adiantando que a situação estava desbloqueada e afirmando que os interesses camarários seriam salvaguardados! Contudo nem «os pés» pôs na dita reunião... Que afinal saiu «furada» pois o Ministro Viana Baptista se mantém irredutível em relação à posição assumida!

«AVENIDA» VAI TER RELVA?

É evidente que, perante todo este embróglio, a questão do arrelvamento do «Avenida» acaba por ser secundarizada. No entanto ela decorre do problema fulcral do estádio. Assim, e como nos adiantou José Fonseca, não resta à direcção do Sp. Espinho outra alternativa que não seja a convocatória de uma Assembleia geral de associados com vista à discussão do polémico assunto do arrelvamento.

Resta agora saber se as promessas de dinheiros para a relva se irão consumir, nomeadamente as veiculadas por «personalidades» de prestígio no campo desportivo espinhense e que ultimamente vêm fazendo ecos das suas opiniões em certo órgão da imprensa local.

E AGORA?

E agora uma certeza: estádio é cada vez mais difícil e bem que se pode agradecer a situação ao governo, Violas e companhia. A não ser que a Câmara se decida a dar novos passos na busca ainda de uma solução, mas com uma firmeza que até aqui não demonstrou...

Porém já vai sendo tempo de todos os espinhenses se aperceberem de quem está verdadeiramente a favor ou contra os interesses da população local.

A CARTA

Tomo a liberdade de juntar um Jornal de Espinho, dado que como Espinhense e V. Ex.^a sabe o interesse que eu tenho pela minha terra, creio ser meu dever informá-lo dos problemas graves que se estão a passar em ESPINHO;

1.º Existe uma zona verde que vai ser expropriada no Lugar de Sales da Freguesia de Silvalde, conforme seu despacho de 6NOV81 e publicado no D.R. II Série n.º 285 de 12/12/81, que abrange uma zona com cerca de 2.000.000 m² que pertence a mais de um milhar de pequenos proprietários.

Essas pessoas que têm pequenos pinhais e terrenos de cultura, onde abatem anualmente alguns pinheiros, e cultivam as suas terras, onde existem ainda algumas habitações, e vão ali buscar o seu miserável sustento para poderem sobreviver, sendo 80% a 90% proprietários com idade muito avançada, não possuindo outros recursos.

Isto é lançar toda esta gente na miséria.

2.º O despacho de V. Ex.^a para o parque da Cidade que ali querem fazer não passa de uma manobra para a construção de um estádio municipal, e urbanizar aquela zona para negociatas.

E quem são essas pessoas?

— Uma Câmara com maioria marxista e com um Presidente que lhe dá apoio apesar de pertencer à Aliança Democrática.

3.º Quero lembrar V. Ex.^a que Espinho e seu concelho são cerca de 14 km². Quer alargar, quer-se construir legalmente (e só se está a construir clandestinamente) visto o plano de urbanização só existir para a cidade que é de 1,3 km².

4.º Os problemas para que quero alertar V. Ex.^a são graves dado o levantamento desta gente (e com razão). Vai ser muito mau, e podem dar-se problemas desagradáveis, pois não deixam entrar nos seus terrenos e habitações, e este milhar de pequenos proprietários aliados dos seus familiares serão mais de 5.000; é 1/6 da população de Espinho.

Isto é uma revolta; é um descontentamento geral e para o Governo AD as consequências que daí poderão advir são enormes se o Governo não deitar mão a tudo isto.

O Estádio Municipal não se justifica em Espinho até porque grandes clubes estão a evitá-los, casos de Coimbra, Braga, Guimarães, etc.

Quanto ao actual campo do Sporting Clube de Espinho, a própria SOLVERDE já se prontificou a resolver o problema, dotando este de bancada para 25.000 a 30.000 pessoas, arrelvamento e construção de balneários, aumentando ainda o pavilhão existente até ao extremo da rua 8, que para o meio é mais que suficiente.

Existe ainda no concelho de Espinho, em Paramos e Silvalde terrenos das Juntas de Freguesia, junto da Praia e da Lagoa de Paramos, incultos e que davam perfeitamente para a construção de infraestruturas desportivas, sem estarem a prejudicar quem quer que fosse.

ESPINHO, espera que V. Ex.^a lhe faça justiça, pois se fosse lealmente esclarecido, por certo que não se dicitaria pela utilidade pública da expropriação.

Apresento a V. Ex.^a os meus mais respeitosos cumprimentos,

MANUEL DE OLIVEIRA VIOLAS

Repensar o fenómeno desportivo

As grandes transformações sócio-económicas e políticas dos últimos decénios, guindaram as actividades físicas ao nível de fenómeno com importância universal. As actividades físicas e o desporto em geral, há já muito tempo que deixaram de ser privilégio de alguns que aproveitavam esta forma para ocupação dos seus tempos livres.

A cada vez maior tendência para a substituição do trabalho manual (físico), pelo trabalho mecânico, em que as leis são ditadas pelo avanço da ciência e da técnica, pela necessidade de rendimento máximo e a fixação do horário de trabalho, criou a necessidade das actividades físicas. Foi por tudo aquilo a que genericamente apelidamos de «problemas da sociedade moderna», que têm a ver com o maior acesso aos transportes (públicos ou privados), o tipo de trabalho que faremos (cada vez mais sedentário), a alimentação que fazemos, a poluição, o stress acumulado, as novas distrações (jogos mecânicos), etc., assim como a nova forma de encarar a educação que já

não é tão somente vocacionada para problemas de ordem religiosa ou moral, mas que já se preocupa com problemas de higiene pessoal e alimentar, noções básicas de saúde, etc. Tudo isto está na origem do constante aumento do número de aderentes às actividades físicas, assim como o crescente número de admiradores do desporto sob forma de espectáculo.

Porém há também urgência em concluir que não é somente a importância que o fenómeno conquista, como também a complexidade que o mesmo adquire.

Assim sendo é a hora de reafirmar que há já muito tempo que o fenómeno desportivo ultrapassa a época do improvisado e do empirismo. Novos métodos, planeamento rigoroso e o auxílio do cada vez maior do desenvolvimento científico, já ocupam papel fundamental no importante e (reafirmo) complexo fenómeno social que é o desporto. Isto no que refere a formação e aperfeiçoamento do desportista praticante, formação de técnicos desportivos, medi-

cina desportiva e ainda dirigentes desportivos.

Começa a ser dramático que estudos sérios e completos que se fazem sobre o desporto não sejam conhecidos, nem pelos praticantes, nem pela população em geral, nem por técnicos desportivos, nem ainda por dirigentes desportivos e políticos responsáveis.

A ausência de formação desportiva provoca teorias desadaptadas e sem consequência. A capacidade política e a competência técnica para o desempenho das mais altas funções públicas, não pode ser traduzida numa série de tristes improvisações, que tem situado o desporto nacional cada vez mais distante do resto do mundo.

Também não serve o superficialismo de análise quando se diz que «os desportistas portugueses têm insuficiências... ou só se for no hóquei em patins» mas é preciso estudo sério e completo das razões, definir política de acção, distribuir os objectivos no tempo, conquistar meios, definir, planear, opções metodológicas e executar...

● Farmácias

Quinta — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 720331
Sexta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 720250
Sábado — Farmácia Higiene — Rua 19 n.º 393 - Tel. 720320
Domingo — Grande Farmácia — Rua 62 n.º 457 - Tel. 720092
Segunda — Teixeira — Av. 8 Centro Comercial - Tel. 720352
Terça — Farmácia Santos — Rua 19 n.º 263 - Tel. 720331
Quarta — Farmácia Paiva — Rua 19 n.º 319 - Tel. 720250

F. C. PORTO, 3 — SP. ESPINHO, 0

Buracos a mais na defesa espinhense

Não conseguiu Manuel José rectificar neste jogo para o Nacional a má impressão (pelo resultado: 1-5), que o Sp. Espinho tinha deixado nas Antas quando da eliminatória da Taça de Portugal. Abdicando de Mória e Moinhos, pondo quatro homens no meio-campo, e apostando no jovem Hermínio, o treinador (ainda) espinhense fez o que melhor lhe pareceu, mas não teve a resposta desejada da parte de algumas unidades, Hermínio, Raul e João Carlos, que estiveram manifestamente infelizes.

A derrota começou precisamente pela pouca inspiração de alguns dos espinhenses e foi-se desenhando ao longo do tempo, pois, quanto a nós erradamente, Balacó andou todo o jogo a perseguir Jacques até por zonas afastadas da área, tarefa em que encontrou grandes dificuldades, graças à mobilidade do goleador portista. Como resultado, abria-se um buraco na extrema defesa espinhense, onde Jacques chegava quase sempre antes de Balacó.

Para acentuar o desequilíbrio da balança Jacinto lesionou-se, foi substituído por Vivas, ho-

mem com notória falta de jogos e que se viu em sérias dificuldades para segurar Costa. A defesa do SCE passava a tremor pelos dois lados (do outro lado Raul também oscilava) e o golo acabou por surgir, num lance em que Vivas, fez o que Costa lhe pediu: rasteirou-o. Foi penalty e o 1-0.

A segunda-parte começou praticamente com o segundo golo, de Júlio, e o jogo acabou quase aí. Curiosamente, no resto do tempo, com a saída de Hermínio e a entrada de Mória, a equipa espinhense subiu e podia ter reduzido a diferença, numa incursão de Vitorino, ao seu jeito que levou o centro a bater na barra e numa prisão de pernas de Fonseca a Mória, falta com que o guarda-redes portista emendou um seu falhanço clamoroso. Ainda veio o 3-0, de Jacques, sem que de resto houvesse mais nada de assinalar. Apenas o necessário realce das exibições de Serra, o 115 lá atrás, de Salvador, que passou a vida a arrumar a casa, e também de Mendes, que embora menos seguro que o habitual e mal batido no segundo golo, se portou bastante bem.

AS EQUIPAS

F. C. PORTO — Fonseca; Gabriel, Teixeira (Simões, aos 35 min.), Teixeira e Lima Pereira; Jaime II, Jaime I e Sousa; Júlio, Jacques e Costa.

SP. ESPINHO — Mendes; Jacinto (Vivas, aos 35 min.), Balacó, Serra e Raul; Ruben, João Carlos, Carvalho e Salvador; Vitorino e Hermínio (Mória, aos 55 min.).

ARBITRO — António Costa, de Viana do Castelo

HÓQUEI EM PATINS

Seniores — AAE, 6 — CDUP, 6; Juniores — AAE, 16 Óquei de Barcelos, 2; Iniciados — AAE, 13 — Águias, 1; Infantis — AAE, 7 — Águias, 3.

HÓQUEI EM CAMPO

I Divisão — AAE, 0 — Leixões, 0; F. C. Porto, 3 — AAE, 0; Reservas — Lousada, 1 — AAE, 1.

ATLETISMO

Na corrida do 1.º de Maio, em Lisboa, e competindo com fundistas da União Soviética e RDA, entre outros, David Tavares, do SCE, conseguiu um excelente 12.º lugar.

Igualmente no Campeonato Regional de Pista, os atletas espinhenses tiveram um comportamento óptimo, a que correspondeu a obtenção de belos êxitos desportivos. Foi o caso, de maior destaque, de António

Dias e António Natário, que se sagraram campeões regionais em respectivamente, 400 metros e 150 metros e 1500 m obstáculos.

Outros atletas com boas marcas foram Manuel Ribeiro, vice-campeão no dardo e nos 1500 metros obstáculos, José Brito, 4.º lugar nos 1500 metros obstáculos, Manuel Brito, 5.º lugar nos 1500 metros planos e José Augusto, que obteve o 4.º lugar nos 800 metros planos. Boas perspectivas, pois, para os próximos campeonatos nacionais.

VOLEIBOL — Sp. Espinho «espalha-se»,

Académica joga no sábado a subida

Nacional da I Divisão — F. C. Porto, 3 — SCE, 1; Nacional da II Divisão — Vianense, 0 — AAE, 3; Juniores — SCE, 3 — Esmoriz, 1; Juvenis — SCE, 3 — Covilhã, 0; Iniciados — SCE, 3 — Nun'Álvares, 0.

Será que o SCE não quer ganhar o campeonato que na época passada lhe fugiu? Até parece que sim, face à

incrível exibição que fez nas Antas, perdendo sem apelo, nem agravo, com 15-2 (!) no último «set». Fala-se em desavenças dentro da equipa, mas o clube é que não pode estar sujeito a questões pessoais. Agora resta ao SCE ter que vencer todos os jogos que lhe faltam (os dois com o Leixões, e o primeiro é já cá na sexta-feira) para poder vencer o

campeonato.

Mas nem tudo foi mau e a AAE, ao vencer em Viana, e beneficiando dum (improvável) conjunto de resultados entre as outras equipas que aspiram a subida, viu-lhe devolvidas as hipóteses de subir à I Divisão Nacional. Será sábado, no seu pavilhão, e com o Milheirós, o jogo decisivo. Era bonito...

ANDEBOL — Sector feminino «arrisca-se» a vencer regionais em todas as categorias

Nacional da I Divisão — Belenenses, 37 — SCE, 16; Sporting, 45 — SCE, 14; Iniciados Masculinos — SCE, 22 — Padroense, 4.

Equipas femininas — Seniores — Académico, 12 — SCE, 16; SCE, 22 — Modicus, 4; Juniores — SCE, 12 — AAE, 9; CPN, 5 — SCE, 17; Juvenis — A. Criança, 10 — SCE, 15; CPN, 12 — SCE, 12; Infantis — SCE, 17 — A. Criança, 12.

Foi para esquecer a campanha dos seniores em Lisboa, não tanto pelas derrotas, mas pelos números que encontram a sua explicação principal na ausência de cinco titulares (lesões e castigos) e na inexperience dos guarda-redes, juniores, a que foi necessário recorrer.

Mas o panorama é já bem melhor no sector feminino, onde os quatro escalões se arriscam a vencer os respectivos regionais: as infantis já são campeãs, a uma jor-

nada do fim; as juvenis, conseguindo um empate no CPN transferiram para cá, na 2.ª volta, o jogo decisivo; as juniores, arrumando o Académico, só têm que esperar pela visita do Vigorosa; e as seniores venceram no terreno das campeãs crónicas da A. A. Porto, passando à condição de grandes favoritas do Regional.

Vamos esperar para ver até onde poderão ir as andebolistas do SCE.

II TORNEIO INTERNACIONAL DE FUTEBOL DO CLUBE ACADÉMICO DE ESPINHO

Espanhóis levaram

a parte de leão

O Clube Académico de Espinho levou a efeito, no passado fim de semana o seu 2.º Torneio Internacional de Futebol. Foi mais uma iniciativa da popular colectividade espinhense na qual, para lá do aspecto competitivo, bem mais importante era a confraternização. Participaram neste Torneio as equipas espanholas do Sporting Ciudad, de La Coruña, «Os Maniños», do Ferrol, e os conjuntos portugueses da UDC de Moure (Amarante) e o Clube Académico de Espinho.

O certame teve o seu início no sábado com o encontro UDC de Moure — Sporting Ciudad. No fim do tempo regulamentar as equipas estavam empatadas a um golo, pelo que, por meio da marcação de grandes pena-

lidades se teve de decidir qual o conjunto que estaria na final de Domingo. «Nuestros hermanos» foram mais felizes, tendo vencido por 5-3. Quase o mesmo se passou no segundo jogo da tarde, entre o CAE e «Os Maniños». No fim dos 90 minutos de jogo, verificava-se um empate a duas bolas. No desempate por penaltis, mais uma vez a sorte sorriu aos espanhóis que venceram por 5-3.

No domingo de manhã começaram por se defrontar as duas equipas portuguesas, para disputa dos 3.º e 4.º lugar. Foi uma partida equilibrada e que, como tal, terminou empatada a uma bola. Na marcação das necessárias grandes penalidades os amarantinos suplantaram os espinhenses, vencendo por 5-3,

alcançando assim o 3.º lugar.

A final entre as duas equipas espanholas constitui um agradável espectáculo, a que as pequenas mas bem organizadas «cliques» que viajaram do Ferrol e da Corunha até Espinho deram um toque «mui saleroso»... Venceu o Sporting Ciudad por 2-0, mas atendendo à forma como decorreu o encontro, seria mais justa a vitória tangencial. Tratando-se embora de atletas puramente amadores, viram-se alguns lances de bom futebol no pelado do Avenida.

A distribuição de taças às quatro equipas constituiu o ponto final deste 2.º Torneio Internacional do Clube Académico de Espinho.

CASA EMANUEL

O CHARME EM ACESSÓRIOS FEMININOS

BIJUTARIAS, CARTEIRAS, POCHESES, LENÇOS, LUVAS, ÉCHARPES, CHAPÉUS, BOINAS, GUARDA-CHUVAS, ETC.

CENTRO COMERCIAL SOLVERDE — 1.º ANDAR

Avenida 8 — ESPINHO

CAN - CAN II

BOITE PIANO BAR
DISCOTECA

O seu ponto de encontro
Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.
Aberto de 2.ª a 5.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — ESPINHO

A Nova de Espinho

TINTURARIA e LAVANDARIA

Lavados a seco com rapidez
Tintos em todas as cores
LUTOS RÁPIDOS em 24 h.
R. 22 n.º 495 - Tel. 721074
ESPINHO

NOVA ERA

Porcelanas, Cristais, Quadros e Artigos de Brinde

CENTRO COMERCIAL SOLVERDE

1.º ANDAR — LOJA J

4500 ESPINHO

VENDE-SE

FIAT 127 - 990 cc

BOM ESTADO

BOM PREÇO

Contactar SANTOS

Telef. 721541 ou 722624

Para o seu lar papéis pintados laváveis COLOWALL.

Plásticos para cozinhas e casas de banho, alcatifas, etc..

ORÇAMENTOS GRÁTIS

Fernando Rodrigues Lima

Trav. da rua 5 — Telefone 721739 — ESPINHO

Peixe do nosso Mar!

A simples audição desta frase é bem capaz de fazer crescer, de imediato, água na boca ao espinhense mais bairrista... Imediatamente perpassarão pelo seu espírito imagens de sardinha assada «a pingar no pão», de chicharro «a fritar e a comer» e do belo robalo assado com batatas (se as houver!)...

O exagero de chamar «nosso» a este naco de Atlântico que se estende aqui à nossa frente não é menor do da vareira que apregoa sardinha pequena dizendo que é «com'á cabalal». E esse exagero ingénio está também presente nessa mesma vareira quando, numa primeira «investida», pede um preço à freguesa para depois, perante a recusa desta, se resignar com um «Oh meu amor! Quanto me dá?» Exagerado é também o tremendo esforço dispendido por essas mulheres, ao palmilhar, apressadas, as ruas da cidade, para no fim da venda, ganharem uma cêdea quase tão pequena como o chicharro que venderam...

Mas, com interrupções cíclicas, derivadas ou do estado do tempo ou de não haver pessoas dispostas a empatar dinheiro num negócio arriscado, o barco lá vai saindo, os homens vão pescando o peixe que o «cão» do mar cada vez mais se vai obstinando em lhes dar; as macolas continuam a ser feitas, hoje menos «gordas» do que outrora, e as nossas vareiras lá vão gastando os pés e as gargantas, com as longas caminhadas, quase em passo de corrida, e com pregões, já velhos de décadas, primitivas formas dos actualmente sofisticados métodos publicitários. Só que, contrariamente a estes últimos, os pregões das vareiras de Espinho têm muito de verdade. Releve-se o bairrismo... mas o nosso chicharro é mesmo «uma lindeza!», e a nossa sardinha é, sem sombra de dúvida «D'Espinho, vival».

A companhia vai («outra vez») ao mar

A pesca é sempre uma actividade dura e difícil, especialmente quando é feita nos moldes arcaicos e artesanais da companhia de Espinho. «A companhia que já existe há dois anos, tem hoje só um barco, que veio de Vieira de Leiria, e movimentam 16 homens mais dois arrais, totalizando 18 homens» — começou por nos dizer Zé «Nucha» Marques Rodrigues, arrais da companhia de Espinho. Actualmente a companhia pertence a uma só pessoa: «Um rapaz cá de Espinho». A situação económica não é a melhor de momento e tal facto deve-se, segundo o Zé «Nucha», à pesca «que não tem ajudado muito». Assim, o dinheiro ganho dá apenas para cobrir estritamente as despesas, sendo os lucros (quando os há) muito reduzidos. Aliás, segundo parece já

é habitual este estado de coisas nesta altura. Pois, «já sou arrais há mais de 20 anos e nesta época é sempre assim, só lá mais para Julho, Agosto e Setembro é que dá mais peixe».

Apesar de tudo, a companhia já tem feito várias saídas e tem conseguido «uns lanços jeitosos». Dificuldades? As de sempre, que estão inerentes à própria profissão: «Se vem alguma vaga do mar...» (comentário ao lado do famoso «Doutor»: «É para lavar essa piolhagem toda»). É notável a humildade e espírito de sacrifício destes homens que são tão pouco compensados financeiramente.

Quando a companhia volta ao mar, e depois do «saco do peixe» (o canço) ser dividido em lotes e vendido, o ciclo económico entra numa outra fase.

«É d'Espinho Viva»

Agora são as peixeiras as principais intervenientes, trata-se da venda do peixe aos consumidores. É ouvi-las pelas ruas de Espinho, é vê-las, espavoridas e sempre atentas a algum polícia, é vê-las quase suplicar que a lhes comprem o «carapauzinho», é vê-las, enfim, na sua miserável vida de pés descalços e cara queimada do sol:

«A gente não ganha nada, vendemos pouco e andamos sempre a fugir da polícia como o senhor vê a nossa vida é esta, queria era uma vida mais calma e um chapéu para ficar branca e deixar de andar queimada do sol».

Peixeiras, a realidade de uma discriminação:

«As peixarias tiram-nos a clientela, estão riquíssimas, carros e casas para elas e p'ras filhas e ainda por cima fazem queixa de nós à polícia e nós toca a fugir. Isto cada vez é mais difícil»

E como que a comprovar o que acabavam de dizer, aparece um polícia do outro lado da rua que provocou a debandada geral, deixando-me sozinho com o bloco de notas e a caneta na mão no meio da rua, atónito.

Nota curiosa foi o facto de todas as peixeiras que nós contactámos nos dizerem praticamente a mesma coisa (muitas vezes com as mesmas palavras). Porém, há algo que sobressai de toda a difícil vida das peixeiras: as dificuldades acrescidas quando a companhia não vai ao mar:

«A vida das peixeiras é a coisa mais triste que a gente tem: quando a companhia não vai ao mar andamos a trabalhar aos meios dias por conta das senhoras; a polícia não deixa a gente vender, dizem que é por causa das peixarias que gente anda aí sabe Deus como».

Companha, Peixeira, Consumidor: o velho circuito que resiste

E com outro depoimento:

«A vida da peixeira é isto (apontando para a canastra cheia de peixe) é uma vida muito triste. Não se ganha nada ou muito pouco. Queremos comer e não temos, queremos trabalhar e não podemos: quando o mar está ruim queremos vender o peixinho e não podemos. A polícia anda sempre atrás da gente, escorraçam-nos, querem-nos prender e passar multas de 700 e tal mil reis.»

Nestes depoimentos já podemos apontar alguns problemas que afectam seriamente as peixeiras: financeiramente é pouco rentável vender peixe; é uma actividade condicionada pela pesca local que só se faz com condições de tempo muito boas e durante um período de tempo curto. E podemos desde já avançar com outra questão que já foi focada superficialmente: a concorrência peixarias-peixeiras:

«Nós vendemos o peixe mais barato e elas (peixarias) chamam a polícia p'ra escorraçar a gente porque o povinho vem comprar a nós» E continuando: «As peixarias só quando há muito peixe é que vão lá abaixo buscar para nos lixar a nós, sabe? E elas estão ricas, têm carros e casas e nós somos umas miseráveis, só depois do 25 de Abril é que deixamos de pagar renda de casa».

Outro depoimento:

«As peixarias tiram-nos clientes, elas vendem de tudo e nós só vendemos o que o nosso mar nos dá».

E os preços?

«Lá mais para o inverno o peixe é mais caro, mas quando chega a fartura o preço baixa às vezes queremos vender e não temos a quem».

«Olhe o carapau vendia-se a 2\$00 e a 2\$50, agora vende-se a 15\$00 ou mais».

Será que, por tudo isto, vamos deixar de ver de um momento para outro as peixeiras nas ruas de Espinho? A este respeito disseram-nos:

«Cada vez há mais peixeiras, não há empregos e as raparigas novas vêm para esta vida».

«As que estavam são as que estão, quem é que quer esta vida?»

«As novas andam aos dias... É só misérias».

Respostas contraditórias, talvez motivadas pelas experiências pessoais, e a certeza de que, com todas as dificuldades, as peixeiras continuarão. Que alternativa lhes resta?

Os consumidores e o peixe do nosso mar

De uma forma geral, os consumidores atribuem várias «mais» ao «peixe do nosso mar». Mas como as pessoas quando fazem compras andam sempre apressadas e a correr, as impressões que colhemos não são

em extensão e conteúdo de tal forma significantes que justifiquem a sua transcrição para o discurso directo.

No entanto todas foram unânimes em preferir o «peixe do nosso mar» àquele vendido vulgarmente nas peixarias. As razões apontadas foram várias: «É mais fresco», «É mais saboroso», «É melhor», «Não é congelado», «Dá-nos mais ga-

rantias» «É melhor para a saúde», etc. De qualquer forma pensamos que a preferência dada ao peixe de Espinho resulta essencialmente dele ser fresco (por vezes ainda vem vivo). Assim pelo menos temos a certeza que nunca faltarão compradores, o que à partida assegura a continuidade de todo este processo tão antigo quanto Espinho.



A pesca em Espinho resume-se a uma companhia com 18 homens e um barco de Vieira de Leiria.

Maré Viva em debate com os leitores

— um jornal regional e a sua acção no presente e no futuro

ABERTO A TODOS OS LEITORES

Dia 12, 21,30 h., na Sede da Nascente

(RUA 62, 251 - 1.º)

INTEGRADO NAS COMEMORAÇÕES

DO 6.º ANIVERSÁRIO DA NASCENTE

O Maré Viva e a Nascente comemoram este mês 6 anos de existência e actividade ininterruptas. Ao longo deste tempo, muita gente se foi associando a esta aposta numa acção cultural organizada e regular.

Mas muitos podem ainda — e devem — associar-se e apoiar assim directamente a continuação deste trabalho. Neste 6.º aniversário, a Nascente precisa de mais associados, o Maré Viva de mais assinantes. Esperamos por si ou pelos seus amigos.

Maré Viva
ESPINHO
PORTE PAGO
Câmara Municipal do ESPINHO

A fechar

Faltam apenas 100 metros para que o esporão frente à Piscina fique com o seu comprimento definitivo. As obras têm na verdade prosseguido a muito bom ritmo e anuncia-se para breve a colocação dos primeiros tetrápodos («pés de galinha»), precisamente nas partes mais fustigadas pelas ondas do mar.

A baía esplêndida que se vem formando junto ao esporão tem causado (e ainda o verãonão veio!) as delícias de inúmeros banhistas. Isto promete...